

## **"As Elegias de Duíno"** **(Rainer Maria Rilke - Alemanha)**

### **Primeira Elegia**

Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos  
me ouviria?

E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu  
coração,

aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte.

Pois que é o Belo senão o grau Terrível  
que ainda suportamos e que admiramos  
porque, impassível, desdenha destruir-nos?

Todo Anjo é terrível.

E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo  
do meu soluço obscuro.

Ai, quem nos poderia valer?

Nem Anjos, nem homens

e o intuitivo animal logo adverte

que para nós não há amparo neste mundo definido.

Resta-nos, quem sabe, a árvore de alguma colina,  
que podemos rever cada dia;

resta-nos a rua de ontem

e o apego cotidiano de algum hábito  
que se afeiçoou a nós e permaneceu.

E a noite, a noite, quando o vento pleno dos espaços  
do mundo desgasta-nos a face - a quem furtaria ela,  
a desejada, ternamente enganosa, sobressalto  
para o coração solitário?

Será mais leve para os que se amam?

Ai, apenas ocultam eles, um ao outro, seu destino.

Não o sabias?

Arroja o vácuo aprisionado em teus braços  
para os espaços que respiramos - talvez pássaros  
sentirão o ar mais dilatado, num voo mais comovido.

Sim, as primaveras precisavam de ti.  
Muitas estrelas queriam ser percebidas.  
Do passado profundo afluía uma vaga,  
ou quando passavas sob uma janela aberta,  
uma viola *d'amore* se abandonava.  
Tudo isto era missão.  
Acaso a cumpriste? Não estavas sempre distraído,  
à espera, como se tudo anunciasse a amada?  
(Onde queres abrigá-la, se grandes e estranhos  
pensamentos vão e vem dentro de ti e,  
muitas vezes, se demoram nas noites?)  
Se a nostalgia vier, porém, canta as amantes;  
ainda não é bastante imortal sua celebrada ternura.  
Tua quase as invejas - essas abandonadas  
que te pareceram tão mais ardentes  
que as apaziguadas.  
Retoma infinitamente o inesgotável louvor.  
Lembra-te: o herói permanece, sua queda mesma  
foi um pretexto para ser - nascimento supremo.  
Mas às amantes, retoma-as a natureza  
no seio esgotado,  
como se as forças lhe faltassem  
para realizar duas vezes a mesma obra.  
Com que fervor lembraste Gaspara Stampa,  
cujo exemplo sublime faça enfim pensar  
uma jovem qualquer, abandonada pelo amante:  
por que não sou como ela?  
Frutificarão afinal esses longínquos sofrimentos?  
Não é tempo daqueles que amam libertar-se  
do objeto amado e superá-lo, frementes?  
Assim a flecha ultrapassa a corda,  
para ser no voo *mais* do que ela mesma.  
Pois em parte alguma se detém.

Vozes, vozes. Ouve, meu coração, como outrora apenas os  
santos ouviam,  
quando o imenso chamado os erguia do chão;  
eles porém permaneciam ajoelhados,

os prodigiosos, e nada percebiam,  
tão absortos ouviam.  
Não que possas suportar a voz de Deus, longe disso.  
Mas ouve essa aragem, a incessante mensagem  
que gera o silêncio.  
Ergue-se agora, para que ouças,  
o rumor dos jovens mortos.  
Onde quer que fosses, nas igrejas de Roma e Nápoles,  
não ouvias a voz de seu destino tranquilo?  
Ou inscrições não se ofereciam, sublimes?  
A estela funerária em Santa Maria Formosa...  
O que pede essa voz?  
A ansiada libertação da aparência de injustiça  
que às vezes perturba a agilidade pura de suas almas.

É estranho, sem dúvida, não habitar mais a terra,  
abandonar os hábitos apenas aprendidos,  
à rosas e a outras coisas singularmente promissoras  
não atribuir mais o sentido do vir-a-ser humano;  
o que se era, entre mãos trêmulas, medroas,  
não mais o ser; abandonar até mesmo  
o próprio nome  
como se abandona um brinquedo partido.  
Estranho, não desejar mais nossos desejos.  
Estranho, ver no espaço tudo quanto se encadeava,  
esvoaçar, desligado.

E o estar-morto é penoso e quantas tentativas  
até encontrar em seu seio um vestígio de eternidade.  
- Os vivos cometem o grande erro de distinguir  
demasiado bem.

Os Anjos (dizem) muitas vezes não sabem  
se caminham entre vivos ou mortos.  
Através das duas esferas, todas as idades  
a corrente eterna arrasta.  
E a ambas domina com seu rumor.

Os mortos precoces não precisam de nós,

eles que se desabituaam do terrestre, docemente,  
como de suave seio maternal.

Mas nós, ávidos de grandes mistérios,  
nós que tantas vezes só através da dor atingimos  
a feliz transformação, sem eles *podéramos* ser?  
Inutilmente foi que outrora, a primeira música  
para lamentar Linos violentou a rigidez  
da matéria inerte?

No espaço que ele abandonava, jovem, quase deus,  
pela primeira vez o vácuo estremeceu em vibrações –  
que hoje nos trazem êxtase, consolo e amparo.

(Tradução de Dora Ferreira da Silva)

### Terceira Elegia

Cantar a Amada, eu quero. Cantar, porém,  
o secreto, o pecaminoso Rio-Deus do sangue,  
oh, como é diferente!

O futuro amado, de longe por Ela pressentido,  
que sabe ele do senhor da volúpia que na sua solidão,  
vezes sem conta,

antes dela o apaziguar, ai, e quase como  
se ela não fora,

escorrendo ignotas águas, erguia a fronte divina  
e levantava na noite um tumulto infinito.

Ó Netuno do sangue, ó medonho tridente!

Ó vento tenebroso do seu peito em volutas  
de búzio modelado.

Escuta, como a noite se cava e encapela!

Ó estrelas, de vós dimana a ânsia do amante  
pelo rosto da amada?

O fervoroso olhar que lhe desvenda o rosto puro  
lançaste-o vós, ó puros astros?

Tu não, ai, nem sua mãe

lhe encurvaram expectante a arcada dos sobrolhos.  
Não foi por ti, jovem que o esperas, não foi junto a ti

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

